

GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Anos!!**GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Años !!****GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE: 10 Years !!**

Os planos do Conselho Editorial para as comemorações dos 10 anos de *Germinal* eram ambiciosos!! Avaliávamos que esta primeira década deste instrumento de luta não poderia passar sem um adequado balanço das condições em que vimos produzindo *Germinal*. Pretendíamos realizar um documentário retratando a história da Revista, com depoimentos de editores, autores e leitores que a vêm construindo. A falta de recursos e as demandas da conjuntura impossibilitaram a conclusão deste intento que fica aguardando melhor oportunidade. O que fazer? Decidimos direcionar o balanço à seção *Entrevista*, avaliando que a alternativa mais correta era trazer as posições dos membros do Conselho Editorial da *Germinal* sobre estes dez anos. Convocamos a todos os membros do Conselho para a resposta ao roteiro elaborado sob encomenda pelos professores Lucelma Silva Braga (UFMA), Marcelo Pereira de Almeida Ferreira (UFPA), Hugo Rodrigues e Leandro Sartori Gonçalves (UNICAMP), Rogério Massarotto (UEM) e Itamar Silva de Sousa (UNEB). Responderam ao roteiro e à proposta de balanço por parte do Conselho, Elza Margarida de Mendonça Peixoto, Maria de Fátima Félix Rosar, Paulino Orso, Celi Nelza Zulke Taffarel e José Claudinei Lombardi. O resultado é um interessante balanço das condições nas quais *Germinal* surge e dos desafios para a sua produção e permanência.

Elza Margarida de Mendonça Peixoto

1. GMED.: Celebrando 10 anos da Revista Germinal – neste ano em que comemoramos os 200 anos do nascimento de Marx, neste ano de acirramento do anti-marxismo e do anti-comunismo – qual avaliação podemos fazer dessa iniciativa em relação ao projeto original que a fundou, situado na conjuntura que o levou a surgir, e a atual conjuntura?? O projeto permanece válido? Quais alterações seriam necessárias para atualizá-lo??

E.P.: Quero iniciar remetendo-me a uma ponto que considero candente, que não está contemplado em nenhuma das perguntas formuladas para esta entrevista: *Germinal* não é uma entidade abstrata. É um projeto construído coletivamente e com o trabalho de muita gente! A experiência daquilo que vem sendo a *Germinal* é diferenciada para cada um dos membros do núcleo duro que toca a Revista e de seus colaboradores e usuários, e é deste lugar que cada um pode falar. Quanto mais genérica a fala, maior o indicador da distância do dia a dia objetivo com as rotinas da produção deste instrumento de luta que tem sido a Revista. É

importante destacar isto! Olhamos um mundo de coisas feitas pelas mãos de trabalhadores que somem apagados por uma história oficial que destaca as gerências intelectuais, mas elimina o trabalho daqueles que efetivamente o realizaram. Colocar-se a serviço da classe trabalhadora é lembrar da crítica a esta “humanidade” genérica, a esta “classe trabalhadora” genérica que tanto Marx buscou destacar naquilo que é fundante! *Germinal* só se tornou possível por que o projeto de sua fundação e o trabalho de sua condução permitiram agregar pesquisadores em torno deste projeto. O trabalho de sua produção inicia-se com cada **autor** que escreve um manuscrito produto de suas reflexões no campo do marxismo; continua-se com o **editor** que recebe este manuscrito e encaminha para dois ou três **avaliadores** que aconselham ao editor sobre a pertinência da publicação; aprovado o manuscrito, deve-se agora adequá-lo ao projeto gráfico da revista, o que demanda um trabalho de horas de *revisão de normas* (da língua portuguesa, de ABNT), *formatação*, *decisão sobre posicionamento do artigo em cada número*, e *upload* de arquivos para a plataforma SEER – em *Germinal*, um trabalho realizado sempre de forma amadora e não profissionalizada pelo **editor** (em alguns raros momentos, por estudantes de graduação e pós-graduação que se disponibilizam para esta tarefa); e, por fim, a produção dos editoriais que costuram e evidenciam aquilo que é aquele número em especial. Mas o trabalho ainda não acaba!! É necessário a divulgação militante da Revista, a sua propagação na forma de *divulgação* do número, de *leitura* e indicação e *referência* dos manuscritos, tarefas de **leitores** e autores, mas também dos apoiadores políticos do projeto que precisam protegê-la das garras da dinâmica editorial e de avaliação hoje!! Esquecer isto é enterrar o projeto editorial desta Revista!! É assumir uma postura idealista ante aquilo que é a realidade!! Só interessa ao Capital ocultar o trabalho. Aos trabalhadores interessa evidenciá-lo e denunciar a apropriação privada que o capitalista dele faz. *Germinal* tem que saber de que lado está!!! Por esta razão agradecemos em todos os números àqueles que ajudaram em sua construção, em uma Seção nominada “Expediente”, que foi retirada muito recentemente na revisão pela qual a Revista passou para aproximar-se (na forma) a algumas exigências Qualis/CAPES. Ali estão listados todos os estudantes e bibliotecários que participaram da produção dos números, a quem agradecemos sempre!!

Entrando no cerne da questão, o projeto da *Germinal* surge em 2007 no seio de um movimento dos educadores marxistas em direção a congregar-se para discutir (i) a educação em perspectiva marxista e (ii) o acesso ao marxismo como um problema do campo da educação. A *Carta ao Povo Brasileiro* havia colocado a esquerda não reformista em alerta quanto à perspectiva da conciliação de classes que o Projeto Democrático e Popular vinha apresentando. A partir de 2003, a reforma da previdência de Lula da Silva tornava a experiência de classe dos servidores públicos (principais atingidos) mais aguerrida, abrindo-se aí um importante foco de resistência às políticas neoliberais que rolavam soltas associadas a políticas de inclusão social de caráter oportunista e despolitizantes, como o atual período histórico evidencia. Em 2005, dois anos do primeiro mandato do Governo Lula, o NEPEN havia chamado o primeiro Encontro Brasileiro de Educadores Marxistas – I EBEM que ocorreu em Bauru. Os encontros prosseguiram, e em 2006 o II EBEM ocorreu em Curitiba. Havia uma tentativa de produzir um periódico da ABEM instalada pelo NEPEM desde 2005, mas não avançou. Em 2007, o III EBEM ocorreu em Salvador, e nós (membros do Grupo

Marxismo, História, Tempo Livre e Educação – MHTLE) chamamos uma reunião para debater a possibilidade de fundar uma revista marxista que abrisse espaço para nossos trabalhos que sucessivamente estavam sendo recusados por periódicos não marxistas. Esta reunião com mais de 50 participantes, ocorreu no Salão Nobre da Reitoria da UFBA ocupada pelos estudantes em luta contra o Projeto de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Fiquei no EBEM por um ou dois dias, retornando a Londrina para o fechamento de minha Defesa de Doutorado que ocorreu em novembro de 2007, quando mais uma vez conversamos – os membros da banca (Máuri de Carvalho, Maria de Fátima Pereira, José Lombardi, Celi Taffarel, quatro deles membros do Grupo MHTLE que fundamos naquele mesmo ano) – sobre a possibilidade de fundação da Revista. Recebemos o alerta do Prof. Zezo e da Prof. Celi de que se tratava de empreitada que multiplicaria trabalho, mas eu e Fátima a assumimos desde então. Fundamos neste período o Boletim Germinal do qual, entre 2008 e 2011, colocamos no ar 12 números quadrimestrais e fomos adquirindo a experiência de Editoração. Escolhemos o nome impactadas pelo projeto de revolução da classe trabalhadora contra a exploração promovida pelos patrões, posta nas linhas finais da obra *Germinal* de Emile Zöla. No Projeto da Revista, Fátima esboçou a introdução que recuperava a história do termo e o estágio da penetração do marxismo no Brasil. Eu contribuí na definição da estrutura da Revista e cuidei de toda a parte da infraestrutura com o apoio de Laudicena Ribeiro (Bibliotecária da UEL) usando do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas - SEER cujo acesso estava sendo viabilizado pelo IBICT. Entre a decisão da produção da Revista e a produção do primeiro número levamos cerca de 01 ano. O evento que produziu os textos da seção Debates foi organizado por nós e realizado no primeiro semestre de 2008 na Faculdade de Educação da UNICAMP, mas o primeiro número só saiu em meados de 2009, iniciando-se a publicação regular a partir de 2010. Naquela ocasião, nós convidamos para compor o Comitê Editorial e a equipe de avaliadores Dermeval Saviani, José Sanfelice, José Lombardi, Gaudêncio Frigotto, Ivo Tonet, Newton Duarte, José Paulo Netto, Sérgio Lessa, Paulo Tumolo, Ricardo Antunes e Fernando Rosas da Universidade Nova de Lisboa. E, já o dissemos publicamente, foi com muita surpresa e alegria que vimos todos responderem muito animados à proposta.

O projeto de debate da educação à luz do marxismo e de propagação do marxismo como um problema da educação permanece válido, e mais que nunca, face ao avanço do obscurantismo, do antimarxismo, do anticomunismo e da perspectiva autoritária na condução da política, mantém-se candente a necessidade de agregar os marxistas em defesa da classe trabalhadora, e a seu serviço, em defesa do marxismo como instrumento de interpretação e tomada de decisão sobre os caminhos a seguir.

Entretanto, o projeto que nos uniu em 2007, desconfiou, não nos uniria em 2019, quando restamos divididos, saídos do movimento e desmoronamento do Projeto Democrático e Popular. O projeto do marxismo como referencial teórico não é suficiente para agregar o que foi desagregado pelo aprofundamento da cisão entre reformismo e as forças políticas que mantiveram como horizonte a perspectiva de revolução e superação do capitalismo. Neste momento, avalio que a perseguição às esquerdas, ao comunismo e ao marxismo associado ao altíssimo grau de divisão das forças de esquerda, podem mesmo, em algum momento por vir, tornar inviável a publicação da revista, quando perderíamos um importante ponto de articulação dos marxistas do campo da educação. Não sei se temos clareza do que significa a ausência deste espaço.

Além disso, a disseminação de *Germinal* é totalmente dependente da Plataforma SEER, vinculada ao IBICT. O trabalho de produção da revista envolve a militância de autores, avaliadores, editores e leitores, mas a sua disseminação ficou aprisionada aos sistemas de internet cujos marcos de regulação sinalizam crescente processo de privatização, marcados pela concentração e controle. Nós mantivemos *Germinal* como um instrumento público de comunicação, mas há muito tempo temos mantido a revista com contribuições financeiras dos editores, considerando-se que nenhuma ajuda para a manutenção de *Germinal* vem sendo dada pelas unidades nas quais *Germinal* foi publicada. O pouco apoio que temos obtido tem sido arrancado com muita luta! Para que tenhamos ideia, a sede da Revista encontra-se em uma pequena sala do Grupo M. T. E. (Marxismo e Políticas de Trabalho e Educação) com cerca de dois metros quadrados.

2. GMED.: Apesar da forte ofensiva, o pensamento marxista continua presente e, vem conquistando espaço a exemplo das sistemáticas publicações da Boitempo, do Marxismo21, a realização dos Encontros Brasileiros de Educação e Marxismo e a própria Revista Germinal. Em termos de perspectivas, quais os possíveis impactos deste momento conjuntural para a publicação da Germinal e a formação do pensamento marxista como um todo?

E. P.: Penso que nossa geração pós Ditadura Militar não enfrentou a ofensiva que enfrentaremos agora com o Governo de Jair Bolsonaro, e, na atual conjuntura, nem faz sentido dizermos que sofremos “forte ofensiva” no último período. Sempre encontramos grande resistência e boicote entre os intelectuais que produzem a Universidade (que compõem também as agências de fomento) aos nossos projetos, às nossas publicações, aos nossos periódicos e aos nossos grupos, mas até aqui não fomos perseguidos com o fim de extermínio como o que se anuncia com Bolsonaro e que vem se concretizando durante os Governos Temer. Nós sofremos sempre uma forte resistência e boicote por parte daqueles que, alinhados aos interesses da acumulação privada, sempre temeram, repudiaram, discriminaram e boicotaram aos marxistas. Mas, me parece, nada do que se aproxime foi vivido por nós da geração Pós Abertura.

Entendo que há outros espaços importantes que têm surgido para o desenvolvimento do marxismo e da pedagogia marxista que não foram listados, e que são fruto da luta e do esforço dos grupos marxistas para manter este referencial no horizonte de formação da juventude, mas padecemos de uma grave pulverização que nos torna muito vulneráveis. Inacreditavelmente, competimos entre nós e não estamos garantindo o apoio financeiro, o apoio político e o apoio na forma de trabalho voluntário para a manutenção deste instrumento de luta.

Dois conjuntos de problemas nos dividiram especialmente nos últimos dez anos: (a) o esforço de leitura imanente do marxismo que cometeu o equívoco de desqualificar quem estava envolvido com a transformação material sob esta orientação, reduzindo os debates à tentativa de precisar quem interpretou Marx com mais propriedade; e (b) o profundo comprometimento de alguns setores com o reformismo vinculado ao *Projeto Democrático e Popular* que levou a uma profunda cisão entre os estudiosos do marxismo no Brasil. Este embate se deu nos mais variados ramos das humanas e respingou significativamente no Comitê Editorial da *Germinal*.

Vejo dois movimentos diferentes aqui: o marxismo torna-se estéril se não é movido com o fim de crítica radical ao capitalismo, e, tanto o esforço de petrifica-lo como conceito quanto o esforço de dobrá-lo para justificar os reformismos são profundamente prejudiciais ao seu desenvolvimento.

Me alinho com os que afirmam que o marxismo não morre enquanto o capitalismo for o modo de produção vigente, mas a sua vitalidade prescinde do rigor na leitura do desenvolvimento das forças produtivas e da correlação de forças, o que, no meu entendimento, tem sido pouco explorado pelos marxistas brasileiros com raras exceções. Aqui, poucos autores têm efetivamente avançado nesta direção. Desta forma, não adianta crescer quando o que nos desafia não é tocado!! *Germinal* é a expressão do marxismo possível dentro das condições que temos no país nos últimos 10 anos, e a sua possibilidade futura restará comprometida se (a) não realizarmos a luta unitária em defesa desse referencial como instrumento de leitura das possibilidades abertas pela conjuntura; (b) se não encontrarmos o apoio de todos aqueles que, mesmo não sendo marxistas, defendem o direito à liberdade de cátedra. Sem ilusões, pela experiência que temos vivido nas Universidades, esta última condição não será atingida visto, justamente, o forte avanço de uma perspectiva relativista que torce pela eliminação do seu principal crítico: o marxismo. A negação da ciência, o anticomunismo e o antimarxismo são amigos íntimos, e misturam-se a nós na agenda de lutas que temos enfrentado. Nós não podemos esquecer a quem servem estes setores e temos que ter muito cuidado com as causas superficiais que nos são apresentadas como agenda de luta!!

3. GMED.: Quais foram as principais dificuldades para manter a revista ativa? Quais os desafios para mantê-la no futuro? Como a institucionalização da produção científica atual, fundada na perspectiva do “publique ou pereça” e as constantes avaliações de periódicos por parte da CAPES, interferem na produção da Revista *Germinal*?

E. P.: Desde a fundação, um importante desafio para a manutenção da Revista foi a ausência de apoio institucional e financeiro. As Universidades ainda ignoram as publicações e o papel que elas cumprem na avaliação institucional dos cursos de graduação e pós-graduação. E “ignorar” aqui é sinônimo de uma produção de periódicos que não tem apoio financeiro e não está profissionalizada. Este não é um problema exclusivo da *Germinal*, é um problema geral. Mas *Germinal* sofre uma pressão mais intensa em razão do perfil crítico que avoca em relação aos outros referenciais.

A sobrevivência dos periódicos está ancorada nas relações que os editores conseguem manter com os Programas, que esbarra na contradição com a exigência de não endogenia dos periódicos. *Germinal* nunca encontrou este apoio institucional, pelo contrário, moveu-se a partir da iniciativa e apoio financeiro dos membros do comitê editorial que assumiram despesas com pagamento de pessoal e gastos com a produção de cada número. Não é possível esquecer que a maior parte dos gastos para a publicação é assumida pelos próprios autores que pagam pelos meios de produção e pelos processos necessários (revisões e traduções) à produção e submissão dos manuscritos.

Desde o primeiro número utilizamos o DOAJ com o apoio direto e pessoal da Bibliotecária Laudicena Ribeiro da Universidade Estadual de Londrina que nos formou para o trabalho com o sistema e até hoje,

quando a *Germinal* não mais se encontra na UEL, atende às nossas demandas emergenciais. Na UFBA, o desafio da manutenção da revista no ar foi ultrapassado, especialmente, pelo apoio do pessoal técnico da ATI, do Núcleo Tecnológico do Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA (Kleber Carvalho Ferreira e Patricia Barroso) e pelo pessoal da Editora da UFBA (Flávia Goular e Suzanne), setores que surgiram a partir da pressão dos Editores, mas ainda funcionam de forma nuclear e isolada e com forte sobrecarga sobre dois ou três profissionais, que são obrigados a tocar sozinhos uma quantidade absurda de periódicos, o que joga diversas tarefas técnicas sobre os editores. Esta situação nos impossibilita de acompanhar o estágio de desenvolvimento técnico, econômico e político da produção e veiculação do conhecimento que avança a passos largos para a mercadorização e a privatização do acesso (à publicação e ao que foi publicado).

Outro importante obstáculo tem sido o obscuro processo de avaliação dos periódicos. A caixa preta da avaliação impossibilita o planejamento das revistas para atingir aos critérios que não obedecem ao princípio da publicidade ampla e antecipada, são moveções, imprevisíveis e assentados em condições onerosas inviáveis para os periódicos que não têm apoio financeiro. Trabalhamos por três ou quatro anos para formatar as revistas de acordo com critérios públicos que – descobrimos durante a avaliação – são movidos durante o processo sem condições de adaptação dos periódicos em curto prazo. Há entre os editores um movimento de ação coordenada (a ANPED ampara o Fórum de Editores de Periódicos da Área da Educação) que oculta a forte concorrência no interior da avaliação dos periódicos pelo posicionamento nos estratos A1 e A2, favorecendo a circulação das informações e a adaptação a estas regras. Temos que dizer que as regras para a avaliação são produzidas pelos próprios editores com o fim de barrar o acesso aos estratos mais elevados.

Os nexos entre avaliação dos periódicos, escalonamento dos Programas de Pós-Graduação e obtenção de recursos para o funcionamento dos Programas não são claros e públicos e favorecem a um pequeno número de programas e intelectuais. As expressões “publicar ou perecer”, “produtivismo” ou “adoradores do lattes”, correntes entre os que fazem a crítica superficial ao sistema desigual de tratamento dos intelectuais no interior da Universidade não apanha as complexas determinações em que os nexos entre a (i) escassez de recursos públicos para a manutenção da pesquisa, do ensino e da extensão; (ii) a responsabilização do corpo docente pela conquista de recursos via editalização; e a (iii) produção de instrumentos para a métrica da produtividade dos docentes, tomada pelos produtos (artigos, capítulos, livros, Iniciação Científica, Dissertações e Teses orientadas e Pós-Graduandos formados) que são informados nas Plataformas (a) de currículo – César Lattes, e de (b) Grupos de Pesquisas – Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

Para exemplificar o quão é oneroso correr atrás dos critérios que escalonam os periódicos em estratos, digamos que cada publicação demanda gastos com (a) correção da língua portuguesa; (b) adaptação dos manuscritos às normas da ABNT; (c) tradução de resumos para as línguas exigidas nos manuscritos (no caso da *Germinal*, espanhol e inglês); (d) pagamento de especialistas em indexação de periódicos em bases de dados, cada uma delas, com grupos de exigências onerosas do ponto de vista da contratação de pessoal técnico especializado; (e) pagamento de DOI – Digital Object Identifier (Identificador Digital de Objetos). Para que tenhamos uma ideia, *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* foi aceita para credenciamento

no Educ@. Uma vitória premiada pela necessidade de gastar, pelo menos, R\$ 1.500 (por número) para a colocação de cada número naquela base de dados!!

Esta teia de nexos – entre (a) subordinação do Brasil a uma política de ciência e tecnologia orientada pelos interesses econômicos estrangeiros que produz uma política de estrangulamento do sistema público de ensino superior via corte progressivo de verbas para o custeio do ensino, da pesquisa e da extensão (continuada nos governos Democrático e Popular); (b) responsabilização do corpo docente para a captação dos recursos para a pesquisa via editais lançados pelas agências de fomento CAPES, CNPq e FINEP (entre outras) – editalização das verbas; (c) escalonamento do corpo docente de acordo com a produtividade em pesquisa (expressa na publicação de artigos em periódicos, livros, capítulos de livros, orientações de PIBIC, de Teses e Dissertações, participação em produção de periódicos etc.); (d) produção de instrumentos públicos de conhecimento da produtividade do corpo docente (Plataforma de Currículos Cesar Lattes e Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq); (e) produção (aparentemente, a partir da produtividade) de um corpo de intelectuais que têm a atribuição da avaliação dos pares pelos pares – tem cumprido um importantíssimo papel de reprodução da lógica da competitividade entre os quadros do corpo docente, promovendo uma cisão importante no interior da categoria, que tem dificultado a defesa da Universidade Pública e Gratuita e, com ela, a defesa dos processos públicos e gratuitos de seleção daquilo que é efetivamente relevante para os trabalhadores brasileiros. Este processo – que se acirrou durante os Governos Democrático e Popular – tem sido precariamente apanhado e compreendido pelos dirigentes das organizações que representam os três setores que constroem a Universidade Pública Brasileira (Professores, Técnicos e Estudantes).

Outra **determinação** cuja análise temos que aprofundar para compreender a cisão interna que compromete a defesa da Universidade pública refere-se à composição do corpo docente, técnico e estudantil da Universidade que inclui as classes em confronto na formação social brasileira: filhos de latifundiários e herdeiros de terras e filhos de trabalhadores rurais e sem terra; filhos de industriários e trabalhadores da indústria; filhos de proprietários dos setores de transportes e comércio e trabalhadores do comércio e dos transportes; filhos da elite judiciária e policiais e filhos de policiais; servidores públicos e defensores da livre concorrência na oferta dos serviços essenciais. A Universidade é fruto desta correlação de forças internas e de pressões externas que necessitamos compreender em profundidade.

A produção de *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* vem sendo realizada no interior das tensões e pressões que este processo pouco claro aos quadros que compõem a Universidade vêm sofrendo, e é muito maior sobre os que pretendem fazer a disputa de projetos a partir da perspectiva marxista, pois sofremos a pressão pela produtividade e a pressão pelo não subordinação à política. Especialmente esta última tem sido perversa, pois leva aos intelectuais marxistas a um esforço de purismo que não ajuda a conhecer e explicitar as determinações da política de ciência e tecnologia no Brasil.

Aqueles que têm consciência de que a produção de novos quadros para a Universidade demanda a disputa da formação na pós-graduação e a inserção nesta trama excludente, vêm-se sobrecarregados de tarefas políticas e acadêmicas e com dificuldades de atender às demandas que a própria *Germinal* vem apresentando.

Aqui, avalio que a posição em três extremos em nada nos ajudam à crítica do que há: (a) uma posição purista que não deseja sujar as mãos na política produtivista e perder tempo com a “burocracia”; (b) uma posição de mergulho no desafio da formação na pós-graduação que abandona a inserção na luta política que se faz sim via sindicatos e partidos; (c) uma posição que reivindica a produção marxista descurando da formação de quadros para a Universidade com competência técnica e compromisso político. Estas posições não são mais viáveis no próximo período, pois a estrutura de Universidade que conhecemos até aqui encontra-se em ruínas e sofrerá o golpe final do projeto privatista que se fortaleceu com o apoio dos Governos Democrático e Popular.

4. GMED.: Quem é o público da revista?? O projeto pode ser considerado bem sucedido do ponto de vista do enraizamento na formação dos educadores marxistas? Qual o papel que *Germinal* cumpre no debate educacional brasileiro? Ela tem contribuído para disseminar o debate marxista da educação? Nesse bojo, a revista *Germinal* pode ser considerada um espaço de luta ideológica tático para a educação brasileira?

E.P.: A *Germinal* foi produzida para colocar o marxismo e a educação em debate, para colocar o marxismo como um referencial a ser debatido pelos educadores, para colocar a educação como um problema para os marxistas; foi produzida como espaço para os marxistas e expandiu-se para além da educação. Um adequado balanço desta expansão é importante para reconhecer que é o público que publica na revista e a lê. Uma rápida mirada no corpo de autores e objetos dos artigos evidencia que pedagogos, professores de educação física, filósofos e historiadores da educação, assistentes sociais, sociólogos, historiadores em geral, geógrafos, professores de várias disciplinas da educação básica e do ensino superior, matemáticos, economistas e profissionais no campo do direito têm publicado na Revista. Pesquisadores das mais variadas correntes do marxismo, vinculados a Instituições superiores de praticamente todos os estados da federação estão publicando conosco. *Germinal* ambiciona ser espaço para a publicação abrangente dos debates no campo do marxismo independente das diferenças e divergência no campo acadêmico e tem obtido êxito neste intento.

Tenho dúvidas sobre o impacto na recepção da revista face a dificuldade de conhecer quem a lê. Noutras palavras, não temos ferramentas para saber quem está lendo a *Germinal*, e o pouco que sabemos decorre da proximidade. Por exemplo: sabemos que a Licenciatura em Educação do Campo absorveu os números da *Germinal* ligados ao debate e desenvolvimento da Pedagogia Histórico-Crítica, mas são informações superficiais que não possibilitam um quadro preciso de quem a absorve. Por esta razão, é muito difícil avaliar o impacto da revista do ponto de vista da tática, especialmente, quando os marxistas enfrentam tanta dificuldade para uma movimentação mais articulada enquanto esquerda.

5. GMED.: A Revista alcançou a classe trabalhadora?? Quais são os principais desafios da Revista nas lutas da classe trabalhadora travadas na formação social brasileira?

E.P.: Podemos falar com convicção que a Revista alcançou um segmento de trabalhadores da educação que vem levantando os temas que a *Germinal* vem debatendo. Pela própria natureza dos periódicos acadêmicos, a revista não vem sendo construída para o diálogo com a classe trabalhadora em geral, mas com um segmento da classe trabalhadora que atua no âmbito da educação que forma a posição de esquerda de crítica do capitalismo e de todas as políticas que visam reformas que favoreçam o capitalismo. Você vai encontrar na *Germinal* uma produção que investiga a pedagogia socialista, a possibilidade de sua realização no movimento de superação do capitalismo; vai encontrar também os críticos desta perspectiva. A *Germinal* encontrou espaço entre os autores que quiseram discutir aspectos teórico-conceituais do marxismo e também que quiseram fazer a crítica das políticas de formação dos professores e conseqüentemente da classe trabalhadora. Foram recuperados aspectos da história da educação brasileira e criticadas as condições nas quais a política educacional desenvolveu-se nos governos vinculados ao projeto democrático-popular. Trata-se de discussões que interessam à classe trabalhadora, mas pelas características de uma formação social assentada na divisão social do trabalho e na exclusão da participação dos trabalhadores no entendimento e na escrita da história (que passa pelo rebaixamento da formação escolar – que não foi vencido e se agravou durante os Governos Democrático-Populares), as discussões que temos feito não podem ser apropriadas pela classe trabalhadora em geral, mas têm contribuído para formar um segmento importante dos que formam a classe trabalhadora.

Nós, particularmente eu, no estágio de formação em que me encontrava em 2008, apostava que a revista contribuiria para o processo de germinação de uma rebelião que cada novo ato do capital contra a classe trabalhadora anuncia ser urgente. Hoje, tenho clareza que nós, no máximo, contribuimos para favorecer um debate necessário. Nada muito além disso.

As lutas da classe trabalhadora contra o jugo do capitalismo começam com o próprio capitalismo. É assim que entendemos a história: um movimento contraditório no qual a correlação de forças vai se alterando a favor ou contra os interesses dos trabalhadores. Neste momento, em decorrência do reformismo; do apassivamento dos trabalhadores promovido por um lulismo convencido das saídas pela “conciliação de classes” (que abandonou a classe trabalhadora entregando-a às mais variadas credices, cultos, que retirou da classe trabalhadora o necessário horizonte de superação do domínio dos patrões); da reestruturação produtiva que jogou mais de um terço dos trabalhadores em trabalho intermitente e precário; a correlação de força é contrária aos trabalhadores que estão desafiados a se reorganizar para o enfrentamento do quadro de crise. Os trabalhadores estão desafiados a reorganizar suas fileiras no interior do caos em que se encontra o acesso ao trabalho para a maioria dos trabalhadores. Este desafio se faz na ausência dos referenciais históricos que os trabalhadores vinham construindo (as teorias socialistas) e se faz sob o predomínio dos diversos irracionalismos, relativismos e culturalismos que levam para todo o lado e para lugar algum. Nesta conjuntura, o Governo Bolsonaro anuncia a pretensão de eliminar todo o debate da esquerda e o marxismo. Este anúncio evidencia que eles reconhecem que o marxismo cumpre papel importante na formação da consciência de classe. Evidencia também as profundas dificuldades que encontraremos para manter a *Germinal* viva e ativa. O nosso primeiro desafio, portanto, é decidir se investir na *Germinal* permanece

taticamente uma questão relevante, ou se devemos investir em outras frentes de luta que cheguem mais rápido ao seio da classe trabalhadora, sem risco de censura e retirada do ar.

6. GMED.: *Germinal conseguiu internacionalizar-se na relação com a América Latina?? Quais tem sido os limites para este diálogo?*

E.P.: Desde a fundação, trabalhamos para internacionalizar a *Germinal*. Em 2008, estivemos presentes durante o Congresso Internacional Karl Marx, em Lisboa, e fizemos contato com os Professores José Barata-Moura (UL), Fernando Rosas, Francisco Louçã e Irene Viparelli. Todos eles em algum momento, contribuíram com a Revista. Nós agregamos ao Conselho Editorial nomes importantes como o de Michael Löwy, Adrian Sotelo Valencia, Fernando Rosas, Claudio Katz, Xabier Montoro, Maria Del Carmen Lorenzatti e Irene Viparelli. Estas, entretanto, são adesões isoladas que não resultaram em militância para uma conexão dos marxistas da América Latina. Nós não conseguimos, como coletivo intelectual, dialogar com outros coletivos na América Latina que partilhem o mesmo projeto que nós. Avalio que um limite importante tem sido o desconhecimento sobre o estágio do desenvolvimento do debate da educação em perspectiva marxista na América Latina. Nós tentamos pontes para este diálogo que não se converteram em frutos significativos. Uma barreira importante tem sido a impossibilidade de circular pelos eventos internacionais conhecendo os camaradas que constroem o marxismo na América do Sul. Esta dificuldade decorre de uma política de corte de verbas para as Universidades Públicas, de falta de verbas para financiamento das participações em eventos, da falta de recursos para traduções, do rebaixamento salarial, do aumento do custo de vida que vão pressionando nossos salários e impedindo as conexões internacionais. Também pesa aqui uma cultura de continente que impera no Brasil, que nos faz ignorar como temos sido isolados da relação com nossos irmãos sul-americanos. Os partidos políticos de esquerda têm trabalhado na ultrapassagem desta barreira, mas falta uma militância mais intensa por parte do Conselho Editorial no sentido de construir um efetivo diálogo com os intelectuais latinos, expandindo os horizontes da *Germinal*. Há necessidade de acompanharmos a produção latino-americana em periódicos reconhecendo quadros marxistas que possam ser incorporados à equipe de autores, avaliadores e leitores da *Germinal*. Trata-se de uma tarefa gigantesca que demanda pessoas destacadas para tocá-la. Enquanto editora, as tentativas e tratativas nesta direção foram infrutíferas, convertendo-se este movimento em um importante desafio.

7. GMED.: *Sob a perspectiva de que fazemos história nas condições que nos foram legadas pelo passado, o que esperar a partir de Janeiro de 2019?*

E.P.: A propaganda do Governo e as falas do Presidente eleito pretendem disseminar o terror na esquerda. A nossa única saída é a ação organizada, que se encontra dificultada por que a esquerda não reformista é muito pequena e a esquerda reformista acha que vai avançar executando os desejos do capital e concentrando-se na disputa eleitoral. O grau de dispersão dos trabalhadores não favorece planos sólidos da nossa parte. Temos que retornar as bases para tentar a reorganização dos trabalhadores, com a direita nos

mantendo na mira de sua violência e desejo de extermínio. Espero um ano muito duro, em que a luta pela nossa sobrevivência em todos os níveis possíveis e imagináveis estará recolocada.

Na altura em que conseguimos colocar no ar este número (05/2019 – com seis meses de atraso), o Governo de Bolsonaro realiza um corte de 30% das verbas para o ensino superior, cortando bolsas de Mestrado e Doutorado. Os PPG sofreram um forte ataque com estes cortes, comprometendo-se a formação de um contingente razoável de mestres e doutores e, por tabela, a investigação científica em todos os campos. Temos um Governo trapalhão, mas a agenda sustentada por Paulo Guedes não deixa dúvidas sobre o que temos que enfrentar se não conseguirmos reverter a correlação de forças.